

ARMOND, POR QUÊ?

Rui Vieira da Cunha

Resumo: *O artigo tem por objetivo esclarecer a origem do apelido **Armond** em uma família mineira de Barbacena. Foi seu patriarca no Brasil Francisco Ferreira Armond, natural dos Açores que emigrou para cá no segundo quartel do século XVIII.*

Abstract: *The article has the goal of discurring overthe origins of the surname **Armond** in a family from Barbacena, Minas Gerais. Its patriarch in Brazil was Francisco Ferreira Armond, from Azores, which imigrated here in the first half of the eighteenth century.*

I

Minas Gerais, remarcou Hélio Viana, apresenta, desde os tempos coloniais, "a singular característica de ter sua história ligada à de algumas grandes famílias, que relevantemente figuram em sua vida social, ocupando as mais destacadas posições políticas, econômicas e culturais. Uma delas certamente será a dos Armonds, de Barbacena"¹.

A comprovação desse exemplo pressupõe um levantamento genealógico, campo de estudo por vezes pouco estimado² e a lidar com a concepção de valor³.

O primeiro passo é identificar o cabeça da estirpe, ao assentar-se em Minas, e sua proveniência. É assunto, aliás, que, à falta de documentação probante, freqüentemente aparece, em casos análogos, obnubilado por memórias familiares engrandecedoras e deturpadas.

Eduardo de Meneses, em 1926, registrou uma tese de ampla difusão: derivam os Armonds de Francisco, filho de um francês estabelecido na ilha da Madeira. Vindo para o Brasil, aqui se casou e teve geração⁴.

Wilson de Lima Bastos, muito mais tarde, recorreu a Cipriano Lage e Soares Pereira (*sic*) para nomear o casal-tronco. Insistiu, contudo, em tal colocação e lamentou: "É pena, não resta a menor dúvida, que se não tenha no momento a exata origem francesa dos Armonds"⁵.

O notável genealogista José Cipriano Soares Ferreira, com o sólido apoio de fontes primárias, comprovou serem açoreanos os fundadores da linhagem mineira e sequer aludiu a uma suposta raiz gaulesa⁶.

No intuito de dissipar semelhantes dúvidas, depois de certificar os dados brasileiros prosseguimos a pesquisa nos Açores, alcançando resultados deveras esclarecedores⁷, completados decisivamente pelo genealogista Jorge Pamplona Ferraz, em carta de Angra do Heroísmo (10 de novembro de 1998). Ei-los a seguir resumidos.

II

Francisco Ferreira Armond nasceu, entre 1691 e 1694, em São Sebastião, Ilha Terceira (Açores), filho de Gaspar de Souto Maior e Margarida das Candeias Machado. Faleceu a 16 de novembro de 1751, em Barbacena, com testamento (9 desse mês), e foi sepultado dentro da Igreja Matriz.

Casou, com sucessão, a 25 de janeiro de 1721, na Igreja Matriz da terra natal, com Angela Maria da Conceição Camelo, sendo testemunhas o Capitão Antônio Vital Ferreira e André Fernandes. Ela foi batizada a 29 de abril de 1700, em São Sebastião, apadrinhada por Sebastião Rodrigues e Isabel de Andrade, filhos de Manuel de Andrade e Maria da Costa; faleceu a 2 de abril de 1746, em Barbacena, sepultada, no dia seguinte, dentro da Igreja Matriz, em jazigo da Irmandade das Almas, da qual era irmã. Foram seus pais Bento Faleiro e Francisca Nunes, ambos falecidos no mesmo dia (16 de maio de 1722), em São Sebastião.

Migrou o casal, com filhos, no segundo quartel do século XVIII, para o Brasil, fixando-se na área do Rio Fundo, afluente do Rio das Mortes. Sua sede foi a histórica fazenda dos Moinhos⁸, com a ermida de Santana, piedosa devoção ainda hoje preservada por seus descendentes. Denominações a refletir o apego à terra natal, pois na freguesia de São Sebastião, atravessada pela ribeira dos Moinhos, estava a ermida ou capela de Santana, "o primeiro templo religioso que se construiu na ilha Terceira"⁹.

O patriarca, enviuvando, convolou a segundas núpcias a 16 de fevereiro de 1751, em Barbacena, com Ana de São José, sendo testemunhas João Álvares de Ar... e José Ferreira dos Santos, mas não houve prole desse consórcio.

Armond não é apelido dos pais do identificado chefe da linhagem mineira e na respectiva ancestralidade está a chave explicativa de sua adoção, ressalvada a hipótese de escolha arbitrária. Outro fato complicador é a usança da livre troca de apelidos: o próprio Francisco, em 1721, ao casar-se pela primeira vez, é registrado pelo sacerdote com os de Ferreira do Souto.

III

O pai de nosso primeiro Armond não era francês, mas, sim, um legítimo açoreano.

Gaspar de Souto Maior foi batizado a 23 de dezembro de 1657, em São Sebastião, sendo padrinhos Gaspar de Souto Maior, filho de José Leonardes, e Ana Machado, filha de Sebastião Rodrigues Pacheco. E aí morreu a 2 de dezembro de 1727.

Era gênito do Alferes Belchior da Ponte Cardoso e Mariana Fagundes (2ª mulher), oriundos dos primeiros troncos povoadores, objeto de obra a ser lançada por Jorge Forjaz e Antônio Mendes. Sua varonia (Ponte) era a mesma de gente já arraigada neste lado do Atlântico¹⁰.

Contraiu matrimônio duas vezes: a) com Margarida das Candeias Machado, que segue; b) a 8 de fevereiro de 1694, em São Sebastião, com Maria Mendes Borba, filha de B. Vieira Borba e Iria Mendes.

IV

Margarida das Candeias Machado foi batizada a 29 de maio de 1667, em São Sebastião, apadrinhada por Manuel Machado e Catarina Rodrigues, filhos de Sebastião Rodrigues Pacheco, e aí se finou a 9 de abril de 1693.

Desposou a 2 de outubro de 1690, na Igreja de Nossa Senhora da Graça, em São Sebastião, Gaspar de Souto Maior. Foram testemunhas Ma-

nuel de Andrade, e os capitães Pedro Cardoso e Gaspar de Soto, entre outros.

Era filha de Francisco Ferreira de Ermonde e Ana Machado, ainda daquela localidade. Seu pai, também dito Ferreira Drummond ou Ferreira de Andrade, revela-se a pista para solver o questionamento suscitado de começo.

Com efeito, nascido de Sebastião Gato Ferreira (ou Drummond ou Machado) e Maria de Andrade, Francisco Ferreira de Ermonde era neto paterno do primeiro matrimônio, com Bárbara Gato, do celebrado Francisco Ferreira Drummond, madeirense e tronco dessa geração na Terceira¹¹.

O apelido escocês¹², passado à Madeira, escreveu-se de forma assaz variada em Portugal¹³ e no Brasil, com deturpações de monta a preponderar aqui e acolá. Nem elas, todavia, conseguiam impedir, vez por outra, o acolhimento de diferente versão esdrúxula.

O fundador em Minas dos Armonds (ou Armondes), embora analfabeto, não criou essa variante, porquanto no segundo casamento de seu pai, em 1694, já a portava a testemunha Manuel Machado Armonde.

Opção por certo muito rara, como se depreende de nossa antiga correspondência com eruditos especialistas. Bastam alguns exemplos.

João José Maria Rodrigues de Oliveira, escreveu-nos (Funchal, 18 de maio de 1945): "não consta nestas ilhas apelido nenhum *Armond*". E adiante (Funchal, 2 de fevereiro de 1946): "Não haverá corruptela do termo verdadeiro *Drumond* que, aí, corrompessem para *Armond*?"

Eugênio de Andrea da Cunha e Freitas perguntou (Moreira da Maia, 12 de setembro de 1945) quanto ao patriarca de Barbacena: "Não será *Drumond*?". Reportou-se a Francisco Ferreira Drummond que, radicado na Terceira, "teve muita descendência onde o seu nome se repetiu várias vezes". E ainda complementou (Moreira da Maia, 10 de janeiro de 1946): "não encontro referência alguma a *Armonds* da ilha da Madeira".

Rodrigo Rodrigues, ao considerar (Ponta Delgada, 28 de maio de 1946) nossa pesquisa, informou que, na Terceira, "não há o apelido *Armond*". E, quanto ao fundador da linha brasileira, ajuntou: "Deve, pois, tratar-se de Francisco Ferreira Drummond".

Aduziu-nos Jorge Forjaz (Angra do Heroísmo, 10 de novembro de 1998) que lá vingou Ormonde, corruptela, assinalemos, também aqui deparável.

A viagem onomástica acompanha a vera saga do tronco barbaceense e, de par, elucida a gestação da estória mítica de sua origem, tradicional e drástica simplificação. Elaborou-se um paralelismo factual, a encurtar séculos, suprimir gerações, apagar a escala terceireense, fundir homônimos e transformar em francês um remoto escocês...

Nosso Francisco Ferreira Armond era, realmente, rebento de uma família açoreana¹⁴, adotando o apelido Drummond em forma corrompida.

NOTAS:

¹ VIANA, Hélio. *Vultos do Império*. São Paulo, 1968p. 180.

² BATTAGLIA, O. Forst de. *Traité de Généalogie*. Lausanne, 1949, p. 7-24. Conforme nosso *As provanças do quadragésimo*. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio, outubro-dezembro 1992, n.º 377, p. 89-95, e *Brasil Genealógico*. Rio, 1996, v. IV, n.º 2, p. 60-67.

³ FERRÃO, Antônio. *A Teoria da História e os Progressos da Historiografia Científica*. Coimbra, 1922, p. 505-522

⁴ MENESES, Eduardo de. *Biografia do Conde de Prados*. In: *Revista da Academia Mineira de Letras*. Belo Horizonte, 1926, v. IV, p. 99-100,. Ver MASSENA, Nestor. *Barbacenenses de Prol – Camilo Maria Ferreira*. In: *Jornal do comércio*. Rio, 18-MAR-1945; MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *Centenário do Conde de Prados*. In: *Jornal do Brasil*. Rio, 21-OUT-1982. Arquivo Nacional, Cód. 1139, v. 1, p. 67 – MENESES, Roberval Bezerra de. *Médicos Titulares do Império do Brasil*. Guanabara, 1972.

⁵ BASTOS, Wilson de Lima. *Mariano Procópio Ferreira Lage. Sua Vida, Sua Obra, Descendência, Genealogia*. 2ª ed., Juiz de Fora, 1991, p. 185-186. Na 1ª ed., p. 167, *ib.*, 1961.

⁶ FERREIRA, J.C. Soares. *Título XVIII – ANTIGAS FAMÍLIAS (H.) (Rio Fundo)*. In: *O sericicultor*. Barbacena, 3-MAR-1919. Usamos a cópia

ofertada por seu filho, Prof. Antônio Viçoso Soares Ferreira, em carta de Barbacena, 10 setembro 1951.

⁷ As certidões dos assentamentos paroquiais estão em poder do autor destas linhas, três vezes 6º e uma vez 7º neto do casal fixado em Minas.

⁸ GARDEN, C. *Barbacena*. Rio, 1940, p. 32-33.

⁹ SOARES, Eduardo de Campos de Castro de Azevedo (Carcavelos). *Nobiliário da Ilha Terceira*. Porto, 1944, v. I, 2ª ed., p. 70 e v. III, p. 37,.

¹⁰ MIRANDA, Cardoso de. *O Ciclo das Gerações*. Petrópolis, 1939, p. 277-283; RHEINGANTZ, Carlos G. *Primeiras Famílias do Rio de Janeiro (Séculos XVI e XVII)*, vols. I (A-E), p. 91-95 – *Inácio de Andrade Machado*, Rio, 1965, e III, fascículo 2º (P-Rab), p. 68-69 – *Belchior da Ponte (Maciel)*, Rio, 1993.

¹¹ SOARES, Eduardo de Campos de Castro de Azevedo (Carcavelos), *idem*, v. I, p. 357.

¹² NORONHA, Henrique Henriques de. *Nobiliário da Ilha da Madeira*. São Paulo, 1948, v. I, p. 236-244,.

¹³ CLODE, Luís Peter. *Registro Genealógico de Famílias que passaram à Madeira*. Funchal, 1952, p. 110-111.

¹⁴ Conforme nosso *Figuras e Fatos da Nobreza Brasileira*, p. 65, Rio, 1975; ALBUQUERQUE, Antônio Luís Porto e. *Formação e Apogeu da Aristocracia Rural em Minas Gerais – 1800-1888. Elementos para um estudo de caso*. Rio, 1988, p. 13,.